O PARTIDO LIBERAL

DIRECTOR POLITICO E RESPONSAVEL — GUALDINO VALLADARES

4.º ANNO — QUINTA FEIRA 29 DE NOVEMBRO DE 1866 — NUMERO 71

INTERIOR

BRAGA

A' União Catholica

Estão enfurecidos os catholicos da *União*. Um artigo nosso sobre a desamortisação levou a celeuma aos seus arraiaes. A folha religiosa, que apparecera com ares tão graves, mudou de phisionomia, e fazendo-se filibusteira desceo ao circo, e deitou a mão ás pedras.

Não póde sustentar o papel. A mascara cahio. A aspereza do miar veio demonstrar, que a suavidade do balido era uma coisa artificial e contrafeita. Não nos admiramos. Os animáes de raça felina, ainda que queiram fingir-se mansos cordeirinhos, quando se sentem magoados, deixam ver logo a compridão da garra, e denunciam a ferocidade dos instinctos.

Essa piedosa e grave matrona, chamada *União Catholica*, não possue a virtude da paciencia; suspendendo os extasis da contemplação beatifica, depoz a cruz e o evangelho, em que parecia meditar, e com a voz cava a pipilar de colera, empunhou o látego, e arremetteo contra nós furiosa e medonha. Vejam como a pomba, que volitava alegre pelo recinto do santuario, se tornou serpente assanhada a cuspir venenos, e a distribuir mordeduras. Diz, que recorremos ao insulto e á calumnia, reprehende-nos estas faltas, e arremessa-nos com a mais infame das audacias os doestos mais immundos, e as injurias mais deslavadas, que a má creação, e a indole ferina lhe podiam suggerir. Estes fieis catholicos são pessoas venerandas; quando dão a lição, desmentem-na logo com o exemplo. Fallam da verdade e negam-na; aconselham a circumspecção, e enfurecem-se; recommendam urbanidade, e apedrejam. Os catholicos da união publicáram ahi um artigo tão absurdo nas doutrinas, como insolente na linguagem. Aggredindo os Bispos, porque não desobedecem ás leis, e porque não ateiam um scisma, despejaram o alforge das excommunhões, e ameaçaram com as penas do inferno todos aquelles, que remissem os bens das corporações religiosas.

Esse incitamento á revolta em nome da religião seria n'outro paiz menos liberal e tolerante, que o nosso, punido de uma maneira severa e memoravel. Nós respondemos a estes perturbadores da ordem, a estes apologistas da tolice, que era um erro qualificar a desamortisação como um roubo, e um crime invocar as excommunhões como arma.

A resposta não foram argumentos, foram villanias.

Nem uma rasão só apresentou a tal folha, para combater os nossos principios.

A desamortisação muda o modo de ser da propriedade, mas não espolia, nem leza os proprietarios. A propriedade substitue-se, não se rouba.

O poder legislativo e executivo tem a faculdade de intervir na administração dos bens da Egreja, tomando providencias, que a regulem pelo modo mais conveniente.

A associação dos crentes de uma nação possuindo os meios destinados á satisfação de necessidades da ordem religiosa e moral, póde alterar e modificar esse conjuncto de condições, quando assim o entender. Para o fazer, deve ter em consideração a justiça, mas não precisa de consultar senão a sua vontade. A lei da desamortisação é o complemento e o fecho dessa serie de grandes e salutares reformas, que iniciadas por Mousinho da Silveira, tem desagrilhoado a terra dos gravames, que a empobreciam, e promovido com os beneficios feitos á agricultura a riqueza e a prosperidade do páiz.

As excommunhões e mais penas canonicas são pois sem fundamento invocadas e fulminadas, porque são inapplicaveis.

Onde o Estado faz uma troca, e não uma espoliação; onde as corporações tem garantido o producto dos seus bens em um capital certo, e seguro; onde os membros da communidade social regulam a administração desses bens, sem os consumirem em desperdicios, não ha offensa, nem attentado contra a propriedade.

Se a Egreja não é despojada, e fica ainda com um rendimento superior ao que recebia, onde ha motivos para applicar penas, e vibrar anathemas? onde estão os crimes que justifiquem esses caridosos receios pela salvação das almas? n'um aranzel insosso e mal adubado pertende a *União* compadecida da nossa ignorancia ensinar-nos o que seja Egreja Catholica.

Nós sabemos a definição desde que aprendemos o cathecismo; para sermos catholicos como somos desde o berço pela graça de Deus, não precisamos da licença d'esses inquisidores da fé, que alli abrem e fecham o céo, como abrem e fecham as portas das suas casas.

Depois da grande lição, em que nos dá uma grande novidade, qual é a de que a Egreja portugueza é uma porção da Egreja Catholica, porque professa a mesma doctrina, segue a mesma disciplina, e obedece ao mesmo Pastor, a *União* diz assim:

Se portanto a egreja portugueza se não póde distinguir essencialmente da egreja catholica, e está sujeita ao mesmo cabeça, e ás mesmas leis disciplinares do Catholicismo, *como se póde affirmar sem erro*, que os bens da *egreja portugueza pertencem á congregação dos fieis catholicos* disseminados na superficie *do territorio* com o *nome de Portugal?*

Como se pode conceber uma egreja catholica portugueza *diversa* da Egreja catholica universal? Este excerpto é um primor de argumentação. O auctor pensou, que ficavamos esmagados debaixo d'esta massa de ferro. E sorrio se até, ao ver, que não podiamos mais erguer a cabeça.

Os pedantes são naturalmente impertigados, e gloriosos. Foram sempre assim.

Quando desfecham um disparate, pensam que alcançaram um triumpho, e festejam-se a si mesmos. Vejamos em que assenta o tal triunfo. A Egreja portugueza tem a mesma fé, e observa a mesma disciplina da Egreja catholica; obedece ao Pastor supremo, o Pontifice Romano, como lhe obedece toda a Egreja catholica.

Logo os bens da Egreja Portugueza são propriedade do chefe da Egreja catholica, são pertença dos fieis catholicos de toda a terra, e sem authorisação d'elles não podem ser desamortisados.

Eis os principios e eis as conclusões da *União Catholica*. Não nos indignamos, rimo-nos quando vemos inepcias em vez d'argumentos, e insensatez em vez de logica. Pelas verdades da fé, pela identidade dos sacramentos, pela natureza do regimen hierarchico, por todos esses bens, que constituem o patrimonio commum e sacrosanto da Egreja, por todos esses vinculos poderosos, que prendem as almas, a egreja portugueza não differe da egreja catholica, é um membro d'esse grande corpo moral.

Mas a identidade pára aqui, e não póde passar além. Nos dominios do espiritual é uma parte da egreja catholica, e reconhece o Pontifice como chefe. Na esphera das coisas temporaes, os fieis portuguezes administram como querem a sua propriedade, e não tem de dar contas a ninguem, a não ser a Deus e á sua consciencia. As temporalidades são uma propriedade só e exclusivamente sua. Os bens terrenos estão fóra da esphera espiritual, e só n'esta os portuguezes tem o dever de escutar a voz e de respeitar a authoridade do Vigario de Jesus Christo.

O Pontifice não é suzerano de Portugal. Como chefe da Egreja é Elle o primeiro interessado, em que a fé se propague, em que a moral floresça, em que o culto se mantenha com o decóro devido, em que as leis disciplinares sejam respeitadas; em tudo isto exerce Elle legitima authoridade; mas o complexo de meios materiaes destinados ao fim religioso não é coisa sua, é propriedade dos fieis; podem variar e ser substituidos por outros segundo os tempos, as necessidades, e as ideas. Logo que haja os meios, não tem o Pontifice motivo para se queixar.

A Egreja portugueza é pois uma congregação de fieis catholicos, que no espiritual obedecem ao Papa, e que no temporal obedecem a si mesmos. São principios axiomaticos estes, que só não penetram nos espiritos empedrados e refractarios á luz.

A União Catholica continúa a escoucear na logica, e diz, que sendo mesmo admittida a fórma democratica, não póde o Estado dispôr dos bens da Egreja; porque não são propriedade sua, mas da congregação dos fieis. e esta longe de authorisar o Estado a arrematar os seus bens, reprovou em maioria a desamortisação e protestou contra ella. Isto é charro e tonto. Quem fez a lei da desamortição? foram os corpos legislativos, foi o parlamento. O parlamento a quem representa? é ao paiz. De quem recebe o mandato? é da nação.

O poder legislativo, e o poder executivo propoem, discutem, approvam, e sanccionam uma lei; esta passa por todas as instancias, é a expressão do pensamento e da vontade dos cidadãos portuguezes. Então qual será a consequencia? é que a egreja portugueza não quiz a desamortisação!!

Isto é monstruoso, mas está escripto. Crêmos, que o Laranja não era capaz de argumentar assim.

Elles tem razão coitados!

Os redactores da *União*, os assignantes da *Nação*, e os discipulos do *Bem Publico* não gostam da desamortisação, elles constituem a maioria do paiz; o governo, o parlamento, e o rei não devem d'ora avante propor, discutir, e sanccionar lei alguma, sem consultar o voto d'aquelles fieis catholicos, que são as columnas da Egreja, e os representantes da nação.

Que gente!

E acoimam-nos de protestantes por dizermos sobre a desamortisação aquillo que é hoje um axioma para toda a eschola liberal.

Os velhacos seguem, ha muito, este systema; doutrina, que elles não acceitem, é stygmatisada logo com o labéo de heretica e impia.

Só é religioso e bom catholico quem for ultramontano desbragado, quem elevar tudo ás proporções de artigos de fé, quem acreditar, que o thuribulo e a caldeirinha são instituições divinas.

Nós somos protestantes, porque julgamos, que podemos e devemos ser liberaes sem deixarmos de ser catholicos; porque venerando a religião como obra de Deus, não condemnamos a liberdade, que é obra da religião; somos protestantes, porque queremos, que se dê a Deus o que é de Deus, e a Cezar o que é de Cezar; somos protestantes, porque reprovamos tanto as usurpações do Estado como as invasões da Egreja; somos protestantes, porque sem perdermos a fé catholica, que não depende do beneplacito de certos catholicos, protestamos contra as aberrações da ignorancia, contra os partos do absurdo contra as maquinações insidiosas dos vendilhões de excommunhões, que intimidando as consciencias, embaraçam e demoram a execução de uma lei, fazendo ás corporações religiosas gravissimos prejuizos.

Nós protestamos contra o erro, contra a sandice, contra a calumnia; elles apesar de serem catholicos puros protestam contra a verdade, que atropellam contra a ordem, que alteram, contra as corporações, a quem prejudicam, contra os Bispos, a quem insultam, contra o evangelho, que elles prostergam comtudo isso. Quem são esses que ahi nos declaram fóra da Egreja? quem lhes delegou poderes, para nos julgarem reos de heresia? deu-lhos a audacia, que não conhece limites, e a malevolencia, que não conhece respeitos.

Estes Torquemadas microscopicos,

FOLHETIM

PROCESSO DOS THUGS

SUPREMO TRIBUNAL DE CALCUTÁ E MADRASTA

PRESIDENCIA DE LORD WILLIAM BENTICK

ACCUSADOS 3266

A deusa Kâly — Mysterio das iniciações — Terriveis juramentos. — Ordens indiscutiveis. — Cega obediencia. — Armadilhos infernaes — O Goor Knot (lenço sagrado). — Cavernas tenebrosas. — Abysmos insondaveis. — Festas sinistras. Saturnaes. — Sacrificios humanos.

(Continuação)

XLII

Sou presidente da sociedade scientifica, geographica e cosmopolita dos columbianos. O nosso fim é explorar e descrever terras desconhecidas, não queremos descobrir mundos novos: não ganhavamos para as despezas; mas consagramos, seguindo as pégadas do illustre navegador, cujos projectos a Hespanha se honra de haver favorecido, a nossa existencia a visitar as regiões onde os europeus nunca entraram, ou que não teem sufficientemente estudado.

Ha tres annos, um dos meus mais distinctos collegas, o sr. Matteo y Guesde, tinha ido para a India commigo. Chamado á Europa, por negocios de familia, fui despedir-me do meu amigo, que estava em Lakhpour. Estava conversando com um bengali que está alli entre os reos.

O presidente. Queira designal-o.

O hespanhol. — depois de alguns instantes de calculo e exame — É o vigesimo setimo da segunda fila.

O reo, cuja physionomia apresenta expressão carregada e sombria, parece que não dá por isto.

O hespanhol. — Dê-me os parabens, disse-me don Matteo, vou emprehender uma magnifica expedição, e aqui tem o chefe da minha escolta. Os nossos viveres, bagagens, barracas, instrumentos, são levados por quatro elephantes, e eu vou subir o Brahmapoutra desde a sua foz no Ganges até á sua origem nos montes de Langsan.

— Isso é que se chama uma empresa atrevida. Olhe não o façam parar na sua expedição os affluentes, o Gpomty, o Silhet, o Katchar, o Brat.

— São todos á esquerda, tomarei a margem direita e o unico obstaculo que poderei encontrar é o Goddado.

Seria trabalho baldado intentar demover do seu proposito o meu amigo; despedir-me d'elle desejando-lhe boa viagem.

Matteo parte acompanhado de doze bengalis, conduzidos por aquelle homem que está alli sentado e que se chama Bahadour.

No terceiro dia de viagem por volta das 11 horas da noite, estava o meu amigo deitado, quando, acordando de repente, viu Bahadour á porta da barraca, fixando n'elle os olhos cheios de brilho e ferocidade.

No espirito de Matteo nascem suspeitas vagas. Deixa afastar-se o audacioso, sem o interrogar, e segue-o silenciosamente, escondendo-se na sombra, até um sitio rodeado de grandes rochas de granito.

Estão alli reunidos os doze homens da escolta.

— Está a dormir! agora podemos conversar á nossa vontade, disse Bahadour ao chegar ao pé d'elles.

— Esta noite é que o estrangulamos? perguntou um dos bengalis.

Matteo não estava nada socegado.

— Esta noite é que o estrangulamos? perguntara um bengali.

Mas Bahadour respondeu:

— Está noite não, porque estamos em frente de Gowahite onde reside, como vocês sabem, o juiz Clary, perseguidor implacavel dos thugs, o qual tem mandado matar os que tem podido apanhar, sem que até hoje nos tenhamos podido vingar d'elle. Não é bom pôl-o d'atalaia; esperemos até ámanhã. Temos que atravessar uma floresta immensa, onde podemos impunemente assassinar sós o jante, para repartirmos depois lá-de escaque elle traz comsigo. Vá!

por, porque somos

— A' noite, responde Bahadour; separemos-nós, e que a deusa Kaly nos seja propicia!

— Que extermine os nossos inimigos! disseram os conjurados; e desfilaram atravez dos rochedos como uma procissão de espectros.

Matteo ficou aterrado. Era resoluto como todos os columbianos, porque nós não admittimos na nossa sociedade senão homens de coragem; mas está só contra treze hindus robustos e barbaros, que pronunciaram contra elle uma sentença, que ha-de ser executada no dia seguinte. Se continua a viagem, perde todas as esperanças de salvação; cae nas mãos d'alguns assassinos, sem mercê nem piedade.

Em Gowahite, na outra margem do Brahmapoutra, está talvez a salvação e a vida!

Mas como atravessar o rio sem os thugs darem por isso?

No meio das suas angustias tem uma idéa.

Alli ao pé arde um bocado de ca[illegible] com uma especie de caldeira em [illegible], com uma provisão de arroz d[illegible] ao almoço dos doze bengalis e d[illegible] elle.

Matteo d[illegible] neutro da caldeira um poderoso [illegible]olico, feito da distillação de differentes plantas cingalesas e das flores do bonompos.

E volta para a barraca sem fazer barulho.

Amanhece; põe-se tudo a pé; os elephantes que estavam comendo os fructos e folhas de bananeiras, são arrancados a esta doce occupação.

Os thugs almoçam.

Duas horas depois, tinha Matteo passado o Brahmapoutra, montado no seu melhor elephante, a despeito da violencia da corrente e das investidas dos crocodilos; voltava á margem direita com o juiz Clary, cincoenta cypaios e um carrasco; e os thugs achavam-se, ao despertar do seu somno, manietados de pés e mãos, em presença do juiz Clary, o qual dizia ao executor d'alta justica, sem se dignar entrar em explicações com elles: — Faz o teu dever!

O carrasco conta os culpados, sobe a um elephante e prende aos ramos pequenos dos grandes baobabs, que formavam uma avenida alli ao pé, differentes cordas com nós corredios.

Quando acabou este trabalho, subiram dois coolies ao elephante para o ajudar.

Os cypaios der[illegible] um thug, que ficou com o pes[illegible] mettido em um dos nós. O el[illegible]nte afastou-se e o thug ficou suspenso no ar.

Lord Bentick. — Ha-de fazer o favor de resumir e de dizer logo de uma vez, que os doze thugs e o seu chefe foram enforcados da mesma maneira.

A testemunha. — Assim não dizia a verdade, mylord. Don Matteo y Guesde e o juiz Clary estavam mortos por se ver livres d'alli, não repararam que faltava um thug para enforcar!...

Faltava um thug, o qual, apenas a caravana passou o Brahmapoutra, trepou aos baobabs com a agilidade de um jaguar, tirou os companheiros para baixo e prodigalisou-lhes todos os soccoros possiveis para os fazer viver.

quando se não entretem a catar o pulgão da couve gallega, e a despejar os alcatruzes da nora, vem para as praças atirar á face dos que passam as immundicies, em que patinham, e dizendo, que defendem a causa da Egreja, arremettem enraivecidos contra os Bispos representantes d'ella, apontam-nos como homens amordaçados, que vendo violados os canones, e arriscadas as almas, não tem a coragem de protestar contra as leis.

E' o que fizeram os catholicos da *União* n'um artigo, que os do *Primaz* transcreveram.

Os Phariseus reputavam-se só limpos de coração, e só dignos de adorarem a Deus no templo; expulsavam de lá os publicanos; o Messias era tambem só para elles.

Os seus descendentes professam os mesmos principios.

Poem-nos fóra da Egreja, e dizem, que só hade entrar no ceo, quem apresentar um bilhete de admissão visado por elles.

Dispoem da terra, e mandam até no Céo.

Isto seria comico, se não fosse grave.

Nós conhecemos, ha muito, as coleras reaccionarias, que não chegáram ainda á altura do nosso profundo desprezo. Aqui não ha egrejinhas. Nós recambiamos a amabilidade, e dizemos, que a egrejinha está entre aquelles, que nas trevas e invocando o nome de S. Miguel d'Ala, conspiram em sessão permanente contra a dynastia, contra a liberdade, contra a civilisação e contra a humanidade. Sim, não se espantem, contra a propria humanidade, porque elles, os discipulos do Conde de Maistre, chamam ao carrasco ministro de Deus, e, não podendo fazer outra cousa, deliciam-se, como dizia Garret, a benzer *em imaginação*, as cordas das forcas, e a atiçar as fogueiras da inquisição. Elles, que nos chamam Protestantes, jurariam ámanhã contra nós nos processos do Santo Officio, se elle ressurgisse, e deporiam egualmente nas devassas da tyrannia, se ella triumphasse.

Agradeçam-lhes todos os liberaes a sua boa vontade.

Continuaremos a conversar com os catholicos da *União*.

Resposta

Só hoje podémos publicar um escripto que, ha dias, recebemos do rev.^mo sr. José Joaquim da Costa Leite. Está transcripto no logar competente com a orthographia e grammatica do author.

Estomagou-se comnosco o sr. padre Costa Leite por causa d'um artigo, em que rebatemos as insolencias de um escrevinhador, que com o pseudonymo de cura e padre d'Aldeia, ahi estafou prelos com os seus partos demosthenicos. Pede-nos o sr. Leite, para que lhe declaremos, se se entendem com elle as seguintes palavras, que escrevemos, e que reproduzimos: — O lidador de Bastos, se estudar esses directorios de consciencia, ha-de lá encontrar a apotheose da mentira e da calumnia, e tambem ha-de deparar com principios, e regras, que desopprimam o espirito d'aquelles, que cortam as folhas do assento dos baptismos com o *piedoso* intuito de libertar mancebos do serviço militar.»

Respondemos. No periodo anterior dissemos nós, que transladariamos algumas opiniões relaxadas de moralistas da companhia de Jesus. Quando escrevemos as palavras *incriminadas*, fallamos, como se infere do contexto, em sentido geral, e não fizemos allusão especial ao sr. Costa Leite.

Não fizemos senão recommendar ao Padre de Basto, signatario de uma correspondencia inserta no *Jornal do Clero*, a leitura desses livros immoraes, em que todos os crimes se justificavam, ou desculpavam; e faziamos essa recommendação, não para que abraçasse as suas doutrinas, mas para que se convencesse da torpeza d'ellas. Como é que não tendo nós designado o nome de pessoa alguma, nem tendo feito referencias particulares, vem o sr. Costa Leite acudir pela sua honra, que nós não tivemos intenção de offender?

Como é que se sentio tão magoado com aquellas palavras, não lhe fazendo impressão as relativas á mentira e á calumnia? Como é que veio fallar no assento dos baptismos, e não fallou em nenhuma outra cousa? mysterios são estes, que só o sr. Padre Leite poderá declarar.

Quem está seguro da sua consciencia, nunca se considera alvo de tiros, que lhe não pódem ser apontados.

Não nos custa a crêr, que o sr. Leite seja um cidadão honrado, e um sacerdote exemplar. Se o tivessemos offendido sem motivo, não teriamos difficuldade em reparar o aggravo com uma satisfação plena, e até lhe pediriamos perdão, por havermos dado crédito a informações erradas.

Se o arguissimos com fundamento, haviamos de sustentar tambem a verdade da arguição.

A escripto do sr. Leite era desnecessario, e foi talvez inconveniente. Os seus parochianos, que o conhecem, hão-de fazer-lhe [illegible] a ameaça dos tribunaes. Vá para lá.

Faz muito bem. Ainda que nós sejamos condemnados, o prazer de conhecer-mos um homem tão pundonoroso em pontos d'honra, hade suavisar a impressão da pena, que nos fôr imposta. Com isso nos damos por bem pagos.

REVISTA EXTRANGEIRA

Assegura «o *Memorial diplomatique*» que todos os dias mais se estreita a união entre a França e a Austria. Já se ajustaram entre ambas as potencias quatro tratados, e entre elles os de commercio e navegação; a sua alliança é completa tanto em relação aos assumptos de Roma como aos do Oriente. Todavia diz-se ao mesmo tempo que principiam a melhorar as relações entre Vienna, Berlim e S. Petersburgo.

Se é veridica esta ultima asserção, é certa uma prefeita paz, pois tambem se diz que o principe herdeiro da Prussia é esperado em Paris, e os periodicos favoraveis á politica prussiana apresentam esta visita como prova das boas relações que existem entre a Prussia e a França.

A questão de Roma parece que tambem não desarranjará as potencias.

O *Moniteur du soir* diz que o papa pode encarar o futuro com confiança, e convida sua santidade a repellir os conselhos que, sob a apparencia de falso zelo, podem comprometter a segurança e a dignidade do throno pontificio.

Segundo um telegramma publicado pela *Epoca*, o barão de Ricasoli, presidente do conselho de ministros, expediu aos prefeitos italianos a seguinte circular:

«Depois de executada a convenção de setembro, a questão romana não ha de ser causa de agitações. A Italia prometteu á França e á Europa não se interpor entre o papa e os romanos. A Italia deve sustentar a sua promessa e esperar da eficacia do principio nacional o triumpho infallivel dos seus direitos. Toda a agitação que tenha por pretexto a questão romana, deve pois ser desapprovada, prohibida e reprimida.»

A circular declara tambem quaes são as garantias devidas ao chefe do christianismo, a fim de que, ficando livre e independente, possa exercer o seu ministerio espiritual. O governo do rei Victor Manoel está disposto, mais do que qualquer outro, a outorgar quantas garantias forem necessarias para salvar a liberdade e a independencia do santo padre, convencido de que podem outorgar-se sem prejudicar os direitos da nação.

A *Patrie* diz, acerca da questão de Roma, o seguinte:

«No dia 15 de dezembro proximo receberá o convenio assignado pela Italia e pela França para a evacuação de Roma a sua plena e inteira execução.

«Dois annos e tres mezes se concederam ao governo pontificio para se preparar para viver por si só, com o auxilio das suas proprias forças, á Italia para calar as suas prelensões, e ao mundo catholico para se acostumar ao espectaculo, quasi novo, de ver o papado na plenitude do seu poder espiritual e da sua independencia temporal.

«Acontecimentos muito importantes occorridos n'estes dois ultimos annos vieram perturbar os calculos da diplomacia europea. Retrogradar hoje até á epocha em que a França e a Italia combinavam, de commum accordo, para uma a retirada das suas tropas do forte de S. Angelo, para a outras a defensa das fronteiras italo-romanas, seria remontar a tempos historicos, cuja recordação é estranha ás necessidades da situação actual.

«Porém isto é admiravel, a convenção de 15 de setembro de 1864, as obrigações que impõe, os interesses que serve, os direitos que protege, tudo resistiu aos violentos abalos que quebrantaram o mundo continental. Nas vesperas de receber a sua execução este pacto solemne, tal como nós o interpretavamos no dia immediato áquelle em que foi ratificado, sustentámos que os acontecimentos posteriores não fizeram senão dar mais força ás suas disposições e novas garantias a respeito da palavra empenhada.

. . . . . .

«A Austria vencida em Sadowa, abriu á Italia as portas de Veneza; a unidade italiana deixou de ser um programma para se converter n'uma realidade; desde os Alpes até ao Adriatico a casa de Saboya estende o seu dominio no meio das acclamações geraes, e Roma destaca-se hoje no centro da Italia, libertada como o santuario eterno da fé catholica.

«A hora da execução do convenio de setembro soou. A Italia é livre. Os seus territorios subjugados foram-lhe devolvidos, e n'aquelle pequeno estado onde o pontifice conserva o seu legitimo imperio, são desnecessarias as forças francezas para o triumpho d'essa grande e generosa idéa que proclama os povos senhores dos seus destinos.

«E sem embargo, nos proprios momentos em que tudo concorre para a salvação do papado, alguns parecem dedicar-se com especial empenho a introduzir a perturbação e a discordia. Os que ha pouco notavam com admiração a data fixada para a evacuação das tropas imperiaes, não querem que o pontifice rodeado da sua immensa força moral colha os beneficios dos acontecimentos que sobrevieram. Aconselham ao papa que fuja; e de quem? Só diante dos perigos imaginarios da sua independencia; pretendem que a Italia livre quererá annullar os seus triumphos plantando no Vaticano o estandarte da insurreição; julgam que a França retirará o seu apoio áo chefe da igreja, da qual é filha predilecta: excitam, finalmente o successor de S. Pedro a procurar aqui ou acolá, tanto na Inglaterra protestante como em Hespanha, o asylo de martyr.

«Estranha aberração! Não vêem que na Italia contrahiu com o mundo catholico uma divida ainda mais sagrada que a que contrahiu comsigo mesmo no dia em que proclamou o seu direito á unidade; este compromisso responde pela segurança do throno pontificio. Não vêem que se a França deixa de prestar um apoio directo ao papado é só porque chegou o dia em que este, livre de inimigos obsecados, não tem que affrontar perigos. Não vêem finalmente que esse dia 15 de dezembro, já proximo, será o mais eloquente e energico protesto contra as desconfianças da fé e o desvairamento das consciencias que procuraram encontrar desculpa nas inquietações do Vaticano.

«Apesar d'estes chimericos receios, apesar dos clamores exagerados que se levantam mesmo em Roma, a França e a Italia sustentarão a palavra que reciprocamente deram ha dois annos.

«A convenção será executada; o governo papal será respeitado nas suas fronteiras, e aos conselhos funestos de amigos desvairados que, com a fuga, lhe aconselharam um suicidio, o pontificado; estamos certos d'isso, responderá com o liberrismo exercicio dos seus direitos garantidos e com o esplendor d'esse poder moral, ante o qual se prostra o mundo.»

PARTE OFFICIAL

REMISSÕES

Instrucções que fazem parte do decreto da data de hoje, para a execução da lei de 22 de junho ultimo, publicada no «Diario de Lisboa» de 10 do corrente mez, relativas á remissão e venda de fóros, censos, pensões ou quinhões, e á venda de predios rusticos e urbanos pertencentes ás corporações e estabelecimentss a que a mesma lei se refere.

Remissão de fóros, censos, pensões e quinhões.

(Continuação)

Art. 22.° Os titulos que se derem pelas remissões serão passados pela mesma fórma que os das vendas e remissões dos bens e fóros pertencentes á fazenda nacional, mas não ficam obrigados ao pagamento de 1 por cento de sello que estes titulos pagam, na conformidade do artigo 3.° da lei de 9 de maio de 1857.

Art. 23.° Não havendo á venda, nas capitaes dos districtos, titulos de divida fundada, ou preferindo os remidores pagar em dinheiro, serão á isso admittidos, recebendo-se-lhes a importancia dos titulos pelo preço do mercado.

§ unico. As importancias que se receberem do producto das remissões, tanto em dinheiro como em titulos, serão incluidas em tabellas especiaes, que os delegados do thesouro remetterão, todos os quinze dias, á junta do credito publico, acompanhadas dos respectivos desenvolvimentos que claramente mostrem a sua proveniencia e as corporações a que pertencem, a fim de que, pela referida junta, se possa proceder á compra dos titulos de divida fundada que as importancias em dinheiro produzirem, e se siga em tudo o mais o que n'estas instrucções é ordenado.

Art. 24.° As cedencias que houver na parte da importancia dos titulos que os remidores entregarem de mais, pertencem ás corporações a que tiverem de ser averbados os mesmos titulos.

Art. 25.° Todas as providencias estabelecidas por estas instrucções são applicaveis nos districtos das ilhas dos Açores e Madeira, excepto na parte que diz respeito a serem feitas no thesouro publico as remissões, cujo valor fôr de 500$000 reis ou d'ahi para cima, porque serão tambem effectuadas nos respectivos districtos, como se pratica com a remissão e venda de fóros e bens nacionaes; salvo porém aos emphyteutas e subemphyteutas o poderem requerer e ultimar as remissões pelo thesouro.

Art. 26.° Terminado que seja o praso de seis mezes concedido para a remissão de fóros, censos, pensões ou quinhões pertencentes aos conventos e corporações religiosas a que se refere a lei de 4 de abril de 1861, e aos estabelecimentos e corporações comprehendidos na lei de 22 de junho de 1866, proceder-se-ha ás diligencias necessarias, afim de que possa ter logar o annuncio da sua venda, e da dos respectivos direitos dominicaes em hasta publica, pela mesma forma e com as mesmas formalidades estabelecidas

---

Matteo não quiz ir ao monte Langsan, saiu da India dias depois, e continuou nas suas peregrinações pelo mundo.

Tinham-se passado mais de dois annos, Matteo já se não lembrava da terrivel scena de que fôra testemunha.

Tantos trabalhos haviam de os distrahir por força!

Era um dos membros mais activos da sociedade dos columbianos, e presidente d'uma commissão scientifica encarregada de explorar o continente australiano.

Depois de terem com muito trabalho subido os flancos cobertos de matto d'uma montanha, Matteo y Guedes e os seus companheiros de viagem chegaram á borda de um declive, d'onde dominavam uma immensa planice. Era impossivel tentar uma descida qualquer do rochedo, em pre[illegible] dos lados verticaes da montanha; porém os [illegible] viajantes haviam previsto este obstaculo, e tinham levado comsigo uma escada de corda que não tinha menos de 112 mettros e 50 centimetros de comprimento.

Ataram-na com toda a solidez ao tronco de um carvalho, e os Columbianos desceram a um por um, porque podia quebrar com o peso ou com as sacudidellas.

Matteo y Guedes ficou atraz de todos.

Tinha descido alguns metros, quando uma figura horrenda appareceu á borda do abysmo.

Era Bahadour.

— Europeu, gritou elle, um thug cortou ma corda para me salvar; um thug corta ora uma para te perder.

Maldição! os thugs vingam-se! —

E tirando do peito um agudo kandjar, o infame que reconheci entre os reos, que reconheceria entre dez mil, cortou a escada de corda.

E Matteo y Guesde foi cair aos pés dos seus collegas, mutilado, espedaçado, ensanguentado.

XLIII

É introduzida outra testemunha.

É um hindu, alto e robusto, physionomia intelligente e animada, os olhos tem brilho; infelizmente é maneta.

Esta testemunha entra quasi a correr, tal é a pressa que parece ter em fazer o seu depoimento.

— Chamo-me Balki; sou natural de Calcutta, diz elle em tom estridolo; aquelles salteadores [illegible]

O lord presidente. — Socegue, Balki, e diga-nos primeiro que [illegible] se ficou sem o braço em alguma lucta com [illegible] estranguladores.

A testemunha. — Não, mylord. Foi pois de uma extraordinaria aventura, de que eu julgava não ser preciso fallar, porque foi antes do meu encontro com os thugs. Mas se deseja que lh'a conte...

O presidente. — Conte, conte tudo que sabe.

A testemunha. — Tinha partido de Calcutta para Madrasta por mar. O navio que me levava foi accomettido d'uma medonha tempestade no golpho de Bengala; espedaçou-se n'um rochedo e salvei-me por felicidade, n'um pedaço de mastro. Fui arrastado pelo mar, depois de inauditos esforços, a uma ilha completamente desabitada, que não tinha mais de uma milha quadrada.

Durante os primeiros dois ou tres dias, sustentei-me como pude: de mariscos que pescava na costa, de gaivotas que ia á noite apanhar nas cavidades do rochedo.

Não descobria no horisonte uma vela sequer, uma terra, e começava a desesperar-me.

Na quarta noite pareceu-me ouvir um ruido estranho saindo do interior do rochedo, em que eu estava deitado.

Seria alguma erupção vulcanica? Seria o ameaço de um tremor de terra?

Soube logo o que aquillo era.

O rochedo abriu-se quasi ao lado de mim e d'elle saiu um homem, seguido de mais dois; vinham arrastando um barco.

O rochedo era á borda do mar; o barco foi lançado á agua no mesmo instante e os homens dispozeram-se a embarcar.

O que unicamente podia ver á claridade vacillante das estrellas era os movimentos de [illegible] tres homens: chamei-os ao acaso, supplicando [illegible] que levassem d'alli um pobre naufrago.

Os tres homens [illegible]-se a mim apenas me ouviram, tomaram-[illegible] levantaram-me, sem pronunciarem [illegible] braços e palavra, sem soltarem uma exclamação de [illegible] preza ou de colera.

Julguei que me iam lançar ao mar. Era vigoroso: fil-os largar a preza e preparei-me para vender cara a vida. Mas eu não podia ficar victorioso n'aquella lucta d'um homem só contra tres; fui agarrado outra vez, e os miseraveis lançaram-me na cavidade do rochedo

Depois deram um grito particular a elles e fecharam a porta de pedra.

Caí com o corpo todo ferido a uns dez metros de profundidade, por uma escáda por onde se descia para a caverna.

Achei-me n'uma casa vasta alumiada por um clarão avermelhado.

Mal me tinha levantado, vi correr sobre mim dois homens meios nus, com o rosto e o corpo ennegrecidos pelo fumo, a barba crescida, horrivel, medonha.

Felizmente tinha-me apoderado na lucta anterior d'um bom punhal.

Os dois homens deram um pulo para traz, ao ver nas minhas mãos o punhal de um dos seus companheiros.

Eu tinha-me escondido n'um recanto da caverna, para poder ver todos os movimentos dos meus inimigos. Esperava que me fizessem uma pergunta qualquer; mas n'aquella ilha parece que os homens são mudos.

Consultaram-se por olhares, e percebi que iam atacar-me ambos ao mesmo tempo para paralysarem os meus esforços. Porém eu precipitei-me sobre o mais alto, como um raio, e enterrei-lhe o punhal na garganta. A arma foi até ao peito. O impulso foi tão forte, que caí com o monstro, que ficou inanimado sobre [illegible] solo.

O outro tinha desapparecido quando me levantei.

Fiz então o sacrificio da minha vida, convencido de que a caverna era um covil de ladrões e que ia ter que luctar com uma horda d'elles; examinei com toda a attenção a casa em que estava: era uma especie de vestibulo; no logar d'onde vinha o clarão enxerguei uma especie de officina; dirigi-me para alli encostando-me á parede com medo de ser surprehendido pelos bandidos. Não ouvia nada e aquelle silencio inquietava-me bastante.

Cheguei assim á porta da officina. Fiquei deslumbrado. Em cima de uma grande meza de pedra estavam amontoadas centenas de peças de oiro e de pedras preciosas.

Não era isto que me preoccupava n'aquelle momento. Procurava entes vivos e não encontrava ninguem. Não ousei entrar na casa, estava toda illuminada, e os salteaderes podiam atirar-se sobre mim.

Não me enganava; estavam-me espreitando. Tinha imprudentemente mettido a cabeça fóra da porta; saiu um tiro d'um recanto escuro e senti uma bala assobiar-me aos ouvidos.

(*Continúa*)

para a venda dos que pertencem á fazenda nacional.

§ 1.° Para se levar a effeito a disposição constante d'este artigo, deverão os delegados do thesouro, findo o referido praso, remetter logo pela direcção geral dos proprios nacionaes relações de todas as remissões requeridas e ainda pendentes, declarando n'ellas o nome dos requerentes, os fóros, censos, pensões ou quinhões que pagam a designação dos prasos e a corporação ou estabelecimento a que pertencem.

§ 2.° Recebidas as ditas relações, se procederá á organisação das que teem de ser remettidas aos respectivos delegados do thesouro, designando os fóros, censos, pensões ou quinhões que devem ser vendidos por se não ter solicitado a sua remissão dentro do praso legal, afim de se proceder á sua avaliação pela mesma fórma já estabelecida para as remissões.

§ 3.° As relações a que se refere o § antecedente, e que o thesouro tem de remetter aos delegados, serão organisadas em vista dos inventarios originaes, a que se vae proceder, e que para esse fim serão remettidas á direcção geral dos proprios nacionaes, ou de quaesquer outros esclarecimentos que se julguem necessarios.

Art. 27.° Se os delegados do thesouro para execução do que lhes é ordenado, carecerem de algum esclarecimento, ou do exame de algum titulo ou livro das corporações de cujos bens se trata, os requisitarão a essa corporação, de accordo com a competente authoridade ecclesiastica ou administrativa, e da entrega de qualquer documento ou livro passarão recibo, que será resgatado, verificada que seja a testituição d'esse documento ou livro.

Art. 28.° Os fóros, censos, pensões ou quinhões, correntes para venda, depois de avaliados, serão incluidos em listas especiaes publicadas no «Diario de Lisboa», e affixadas nos logares publicos dos respectivos districtos, concelhos e freguezias.

Art. 29.° Se não houver lançador, far-se-ha no preço dos fóros, censos pensões ou quinhões, o abatimento de 10 por cento, facultando-se desde logo a remissão, assim aos emphyteutas nos termos do artigo 3.° d'estas instrucções como aos subemphyteutas e emphyteutas quando os prasos estiverem subemphyteuticados, nos termos do § 1.° do mesmo artigo 3.°

§ 1.° Se não houver quem requeira a remissão, voltarão á praça com os mesmos abatimentos os ditos fóros, censos pensões ou quinhões: e se ainda não houver lançador admitti-se-ha novamente a remissão, nos termos d'este artigo.

§ 2.° De cada vez que não houver lançador far-se ha o abatimento de 10 por cento successivamente, comtanto que se não desça abaixo da decima parte da avaliação, dando sempre em cada nova deducção a preferencia aos que requererem a remissão.

Art. 30.° O preço da venda dos fóros, censos, pensões ou quinhões será pago em titulos de divida fundada pelo valor do mercado, observando-se o que fica estabelecido no paragrapho 1.° do artigo 14.°, ao modo de regular o preço dos titulos. Os minimos serão pagos em dinheiro.

(*Continúa*)

NOTICIARIO

Noites de Lisboa. Com este titulo acaba de ser editorada pelo snr. Francisco Lallemant uma interessante producção, que faz tanta honra á typographia d'onde saiu, como ao auctor que a escreveu. Se encarada materialmente é um trabalho nitido e primoroso, litterariamente considerada merece os elogios que a maior parte da imprensa politica lhe tem dispensado já. Não causará isto estranheza aos leitores, quando souberem que se deve ao engenho de Manoel Roussado a obra de que fallamos.

Noites de Lisboa se chama o livro, porque *todas as composições de prosa e verso, que o constituem, recordam noites deliciosas, passadas na intimidade de pessoas, ás quaes o author as lia ou recitava.*

Entre as composições de prosa sobresahem o pequeno romance — biographia *João Macphail* e o *Cathecismo da namorada*: tornam-se mais notaveis nas producções poeticas a *Thereza* de Espronceda — mimosas estrofes que gotejam sangue — e todos os versos do genero comico.

E' este incontestavelmente o genero predilecto de Manoel Roussado, que já tinha a sua reputação de poeta epigrammatico solidamente assente na engraçadissima parodia do poema *D. Jaime*. Manoel Roussado tem muito chiste, dote raro entre nós, que somos por via de regra sensaborões; mas o que ainda mais admira, é ter chiste á portugueza, que é um pouco differente do *espirito* com que nos brindam em segunda mão certos folhetinistas. . .nacionaes.

Chegada.—Um dos redactores principaes desta folha o sr. Dr. Raymundo Capellas, que estava ha tempos na Covilhã, chegou na terça feira a esta cidade.

Outra.—Tambem chegou hã dias a esta cidade o sr. Apparicio Alberto Calheiros, habil ajudante de cirurgia militar.

De Lisboa a Madrid. — Verificou-se no dia 29 a inauguração do caminho de ferro, que liga Portugal com a Hespanha.

É este um facto que deve ser registado com prazer. Já podemos viagar até S. Petersburgo em caminho de ferro ininterrompidamente.

Vizita da Rainha de Hespanha. — Diz-se que é no dia 6 de Dezembro, que S. Magestade Catholica nos honrará com a sua vizita.

Viatico. — No domingo á noute foi o sagrado viatico a rvd.° snr. vigario geral, que ha tempos tem estado gravemente enfermo.

Com o maior prazer noticiamos ha dias aos nossos leitores algumas melhoras, que o snr. vigario geral havia experimentado; mas, infelizmente, hoje temos de sentir o perigo de vida em que s. ex.ª se acha.

Em consequencia d'uma recahida foi o snr. vigario geral atacado ultimamente por uma peneumonite, sendo já ungido e sacramentado no domingo, como acima dissemos.

Façamos todos os mais sinceros votos pelo prompto restabelecimento do illustre enfermo, que é um exemplar sacerdote querido e estimado por todos.

Expositores. — Já tivemos occazião de ver alguns dos objectos, destinados a irem para a exposição universal de Paris.

D'esta cidade vimos algumas manufacturas de lã e seda, assim como calçado feito pelos habeis artistas os snrs. José da Cunha Alves de Souza e João Fernandes Gilhetas. Os objectos de lã, que tivemos o gosto de ver, são chapeos da fabrica dos snrs. Bahias e Bento José da Silva: os de seda são pertencentes ao snr. Manoel José Vieira da Rocha.

Roubo.— Ha poucos dias o snr. Manoel Antonio Gonçalves, acreditado negociante da rua dos Capellistas, deo conta que fora roubado no valor perto de 1:000$000 reis, sendo 826$000 em dinheiro, e dous cordões d'ouro.

Parece que o snr. Gonçalves quizera fazer primeiramente, recahir toda a culpabilidade do roubo na pessoa do seu sobrinho Domingos José da Costa Gonçalves, a quem conserva na loja ja ha dez annos; porem, depois de proceder ás devidas indagações, o snr Gonçalves fez tambem restituir o bom credito de que gosa o seu sobrinho, vindo a descobrir-se, como authora d'aquelle roubo, uma certa Filomena Antonia, que ainda ha pouco havia tomado para criada de sua caza.

Diz-se que esta fora induzida por um padre a praticar semelhante roubo.

Em comsequencia disso a criada e o tal padre, por nome Manoel Rodrigues, de S. Paio de Parada, foram prezos na segunda feira e mandados para as cadeias do Aljube.

Por em quanto não se sabe depositivo, se o snr. padre Rodrigues cahiria na fragelidade de aconselhar a tal creada para roubar seu amo: pois que só esta é a que o condemna como tal, dizendo: que elle a induzira a commetter tal crime, entregando-lhe depois todo o roubo, o qual conserva em seu poder.

A ser isto verdade, sentimos amargamente que um membro de uma tão nobre como respeitavel classe dê causa, a que esse infernal *espirito da época* injustamente forme os seus argumentos para desvirtuar o clero, em cujo numero entram caracteres altamente revestidos d'uma virtude inconcussa.

Desgraçadamente já repetidas vezes temos ouvido adduzir argumentos d'esta forma! E' um methodo muito illogico este de argumentar d'um ou outro individuo d'uma classe para toda ella.

Fallecimento.—Falleceo ha dias, na sua caza de Soutello, a exm.ª snr.ª D. Maria Lina d'Azevedo, mae dos exm.os snr.os D. Luiz d'Azevedo, D. Rodrigo, D. Fernando e baroneza da Torre.

A illustre finada era uma senhora dotada das mais altas virtudes, uma mae carinhoza e um verdadeiro modello de caridade para com a pobreza.

Aos seus exm.os filhos enviamos os mais sentidos pezames.

Outro. — Hontem de madrugada, depois de uma aturada paralyzia, entregou a alma ao Creador o exm.° snr. Leão, conego da Sé archiepiscopal.

Prestante á Egreja e ao Estado, s. ex.ª exerceo na nossa diocezo, por muito tempo os cargos de Vigario Capitular e Penitenciario.

De veras sentimos a morte de s. ex.ª.

Outro. — Ante-hontem, por volta do meio dia, falleceo o snr. Guilherme Frederico da Fonseca e Gouvêa, um dos sete mil e quinhentos bravos do Mindello.

S. ex.ª foi soldado do extincto regimento de voluntarios da Rainha, e era irmão do exm.° snr. General barão de Lordello.

Homem prestante á cauza da liberdade, o snr. Fonseca distinguio-se grandemente em todos os combates em que entrou, e especialmente no do dia 22 de Julho de 1832 em Ponte Ferreira.

Sentimos do coração a morte do snr. Fonseca, e damos os nossos sentidos pezames a inconsolavel familia do illustre finado.

Um modello de beatas. —Vamos hoje narrar um facto, que posto pareça incrivel ás pessoas de consciencia algum tanto escrupuloza, não devemos occultal-o, porque poderá approveitar muito ás de boa fé. Repetimos; o facto, que vamos aprezentar aos nossos leitores, é um facto real, acontecido ha perto de 6 dias em Braga, e pela veracidade do qual nós mesmos não duvidamos responsabilizar-nos.

Por estas nossas palavras já se vê, que desconfiamos de que haja alguem, que não o acredite, assim como a nós custou a acreditar até ao momento, em que um nosso amigo nos asseverou que era verdadeiro, pois que elle mesmo o havia prezenceado. Eis, pois, o que sucedeo a um individuo desta cidade, o qual, assim como ha muitos, chegou a experimentar com *uzura* a *industria* d'uma sua criada, que não era lá qualquer coiza...! era *uma santa*, que trazia pendente do pescoço nada menos de DESOITO rosarios!!!..

O sujeito, cuja bondade pede que occultemos o nome, tinha ha tempos, em sua caza, duas criadas, das quaes uma era uma beata de cabellos cortados, e, como já dissemos, arrastava sacrillegamente duzia e meia de rosarios!

Seu amo achou-se roubado na quantia de 60$000 reis; e não sabendo a qual das duas deveria imputar a criminalidade do roubo, mandou que ambas fossem enterrogadas perante a auctoridade competente, afim de se ver se alguma ou ambas confessariam o crime.

A esta hora estão talvez os leitores pensando, que nós faremos injustiça attribuindo o crime á beata: ora... essa é uma *santa*... não é capaz de roubar o unico pedaço de telha a um Jób, porque não lh'o póde apanhar.

E' esta enterrogada pela auctoridade ácerca do roubo feito a seu amo, mas responde com a voz submissa, mãos direitas e olhos no chão, dizendo: columniem-me, por que N. S. Jesus-Christo ainda soffreo mais. Era esta a resposta da *boa mulhersinha*.

Mas qual seria o espanto da beata, quando ouvio pronunciar as palavras = *recolham esta mulher á cadeia?!*

A *santa mulher*, que carregava com o pezo dos rosarios e do dinheiro roubado, disse: N. S. Jesus-Christo perdoou aos que o crucificaram, perdoem-me a mim tambem, que eu entrego esse dinheiro.

Assim foi. A mulher beata, que dos pés á cabeça era um compendio de hypocrizia bem fingida, deixou cahir a mascara com o amor ao alheio.

Entregou a quantia roubada a seu proprio dono, e por elle foi perdoada do crime commettido.

Mas notem os leitores; o author do referido roubo é uma beata de cabellos cortados, que mostra ao peito a pequena quantidade de DESOITO rosarios, que se confessa mensalmente e que é por isso uma *santa*, como ha muitas cobertas com a mesma capa.....

Será bom que este facto sirva d'exemplo aos de boa fé.

RELIGIÃO

NOVEMBRO 29.

S. Saturnino

S. Saturnino foi de Roma prégar a fé ás Galias. Foi enviado para ahi pelo papa S. Fabiano, no anno 245, algum tempo depois da chegada de S. Theophimo, primeiro bispo d'Arles. Foi em 250, no consulado de Decio e Grato, que elle fixou a sua séde episcopal em Tolosa capital dos Tectosagios, dos quaes Julio Cesar tinha feito uma coloma romana, e ahi converteu um grande numero de pagãos por suas prégações e milagres.

Reunia seu rebanho n'uma pequena egreja visinha do Capitolio, que era o principal templo dos idolos e o logar dos oraculos. Apresença do santo, que passava por este lugar, fazendo emmudecer os demonios, os sacerdotes espiaram o momento de sua passagem, apoderaram-se de sua pessoa, e o levaram ao templo, declarando-lhe que ou havia de sacrificar aos idolos, ou havia de morrer. A resposta do santo foi a que se devia esperar.

Os idolatras fizeram lhe soffrer todas as indignidades, que sua malicia pode imaginar. Finalmente amarraram-o pelos pés a um touro que embraveceram, e que, em seu furor, arrastou o martyr com tanta violencia, que seu corpo ficou logo em pedaços.

Seus preciosos restos foram juntos com respeito, e se conservam ainda em Tolosa.

NOVEMBRO 30.

S. André Ap.

DEZEMBRO 1.

S. Eloy.

CORREIO D'HOJE

Lisboa 26 de novembro

(De nosso correspondente)

O *Jornal de Lisboa* de sabbado ultimo, transcreve na integra, o artigo publicado pela nossa folha em defeza do venerando arcebispo de Braga, contra as invectivas do *Primaz*; já antes o *Portuguez* tinha transcripto o mesmo artigo, congratulando-se com o *Partido Liberal*, por aquelle facto; o *Jornal de Lisboa* vae mais longe, declarando que o *Primaz* é uma folha que d'aquelle modo, envergonha a nobre invenção de Guttemberg; o reverendo arcebispo, deve, estar satisfeitissimo pelo conceito em que é tido aqui na capital, em que os jornaes mais authorisados, apertam cordealmente a mão ao *Partido Liberal*, afastando-se do *Primaz*, como de uma folha, que não sabe comprehender como deve os sagrados deveres d'obrigação do jornalismo, e os da sociedade em geral, injuriando um sacerdote exemplar em virtudes e que sabe cumprir religiosamente os sagrados deveres do seu alto ministerio.

O chaveco ministerial continúa navegando no mar procelloso, temendo a cada momento ir de encontro aos muitos cachopos, que se veem por todos os lados; os pilotos já desesperaram de o salvar do naufragio iminente!

Parece até que nem esperanças ha já de se agarrarem a alguma taboasita de salvação.

Os conselhos de ministros, são quasi sempre tumultuosos; um propõe augmento de impostos, augmento de dotação ao Rei, pagamento das dividas da casa real etc., os outros combatem estes projectos, o ministro respectivo grita, berra, vocifera, e a cousa fica em nada!

É inevitavel a sahida dos srs. ministros do reino e marinha.

Consta tambem que o snr. Casal Ribeiro, anda fortemente descontente com o seu collega Fontes Pereira de Mello, ao ponto de se dizer que um ou outro sahirá do gabinete.

O que é fóra de duvida, é que com a abertura do parlamento, com certeza ha mudança ministerial.

Foi no sabbado, o julgamento no tribunal da Boa Hora dos nossos amigos João e Guilherme Howorth, subditos inglezes, a quem o ministerio publico, tinha accusado de suspensão, como authores de uma letra falsa que a caixa filial do Banco União, descontou em maio de 1865, no valor de reis 8:700$000.

Todos que conhecem os nossos amigos faziam-lhes a devida justiça, (como nós lhes fizemos sempre) de que não eram capazes de praticar tal acção, attentos á reputação de que sempre gozaram, não só em Portugal como em Inglaterra.

Foi juiz o sr. Quaresma, delegado o snr. Emydio, advogado de João Howarth o dr. Emauz e de Guilherme Howarth, o dr. Alves da Fonseca.

A discussão durou até ás 9 horas da noute, sendo o *veredictum* do jury, o da absolvição completa dos accusados.

O sr. delegado, porém interpoz recurso de revista, fundado em duas pequenas nullidades, que com toda a certeza o tribunal despreza, visto não ser nenhuma, das que a lei de 18 de julho de 1855, aponta como insanaveis.

Este systema do ministerio publico recorrer de revista, tornando os reos para a cadeia, depois de absolvidos, é o mais absurdo e deshumano, de que ha memoria em qualquer nação civilisada; é raro o processo em que ha notabilidades politicas ou financeiras interessadas, na condemnação dos reos, que os delegados não recorrem, dá logar a entender-se que elles servem de instrumentos de vingança, o que pouco abona a magestade da justiça.

O debate na Boa Hora foi curioso, o delegado vio-se em calças pardas com os advogados; é verdade que elle deu incentivo para isso, começando por declarar que os reus, tinham cedido das suas prerogativas de cidadãos inglezes, (que é a garantia de serem julgados por um jury mixto) porque reconheciam nos jurados inglezes muita rectidão e justiça!..

Risum teneatis!

Trocado em miudos pareceu querer dizer, que os jurados portuguezes, nem eram rectos e justos, o que equivalia a uma grave offensa!.

O dr. Emauz avançou até que a accusação era *nojenta*, e nós com certeza o acreditamos!

Toda a capital estimou muitissimo que a conducta dos nossos amigos ficasse illibada, e livre de toda a mancha.

Os srs. Howorht estão em Portugal ha mais de 20 annos, tendo sido fundadores de varias companhias como a do gaz do Porto, do gaz de Coimbra, de algodões de Xabregas, e da louça de Sacavem, e outras, tendo sido outr'ora possuidores de grande fortuna que aqui ficou toda por tristes revezes commerciaes; ainda ultimamente na utilissima fabrica de Manutenção civil, estes cavalheiros gastaram um dinheirão, mas infelizmente a sorte foi-lhes adversa e foram obrigados a passar pelo desgosto de verem pelos seus credores ser-lhes requerida a sua fallencia; emfim os nossos amigos são dignos de toda a sympathia publica, pelo seu cavalheirismo, ao ponto de declararem no sabbado no começo da audiencia, que prescindiam de toda e qualquer indeminisação a que tivessem direito, pelo facto da sua injusta prisão.

Ao menos estamos certos que os nossos amigos acreditarão, que se em Portugal algumas vezes a justiça illudida se presta a ser instrumento de malvados, quazi sempre cedo ou tarde remedeia o que faz, mas a opinião publica é que se não illude, e a respeito do snr. Howorth nunca se illudio.

Damos pois os parabens aos nossos amigos, e as suas familias recommendamos-lhe paciencia, durante o tempo em que ainda estiverem na cadeia, em quanto o Supremo tribunal de Justiça não toma conhecimento do seu recurso, que na opinião de toda a gente, não tem o menor fundamento.

Continuam as evoluções militares, mas *o campo de manobras* é no campo pequeno, onde não ha barracas de campanha, nem vinho nem aguardente, e comtudo os soldados portam-se marivilhosamente.

Por isto se vê, que o sr. Fontes fez muito bem em gastar rios de ouro em Tancos, quando em Lisboa, tinha varios sitios e logares mais do que proprios para campo de instrucção!

O tempo vae bello.

P.

PERGUNTA.

Snr. redactor.

Mais vale tarde que nunca.

Vi com surpresa em hum art.° de redacção do n.° 55 do Partido Liberal, que apessoa encarregada da secção religiosa pretende inculcar, que sou eu o auctor dehum art.° ou Commenicado exarado, (não sei em que numero) do Jornal do Clero assignado com opseudonymo *hum padre de Cabeceiras de Basto*

Se essa *honesta* creatura se lemitasse auzar de palavras de mera desconsideração pessoal, de duas, hua, ou entregariamos éssa desconcertada deatribe ao despreso que merece; ou alias, se nos encontrasse embora de bom humor viriamos á imprensa declarar debaixo danossa palavra de honra, que eramos extranhos atal communicado; invocando se necessario fosseotestemunho do Illustre redactor daquelle Jornal.

Porem notando nos, que o articulista addiciona a calumnia aó insulto, exigiamos authorisados pela lei, que a redacção do Jornal opartido Liberal, depois de trancrever esta nossa defeza declarar cathegoricamente em seguida, se sim ou não, se referém á nossa humilde pessoã as palavras exarados no periodo 14.° que dizem assim,—*tambem hade deparár com principios erregras que dezoprimaõ* o espirito *daquelles que cortaõ as folhas dos assentos dos baptismos* com o *piedozo intuito de libertar mancebos do serviço melitar.*

Eno cazo de effirmetiva dizer se toma sobre si aresponsabelidade da columnia; epertendendo declinal-a declarar o calumniador Porque é nos tribunais que este negocio hade ser apurado

Mondim de Basto 6 de Novembro de 1866.

O Parocho *Joze Joaquim da Costa Leite.*

(Segue-se o reconhecimento)

ANNUNCIOS DIVERSOS

AGRADECIMENTOS

D. Maria Casimira de Moraes Pacheco, D. Anna Julia de Moraes Pacheco e Antonio Joaquim de Moraes Pacheco, agradecem muito a todos os il.mos e ex.mos snrs. que se dignaram obsequial-os por occasião do fallecimento de seu presado sobrinho José Carlos Crivas Pacheco, e a todos protestam seu indelevel reconhecimento.

Na rua dos Capellistas n.º 13, ha para vender; estantes e balcão novos; vinhos do Porto engarrafados, verdadeiro Paraty, e licor francez de 1.ª qualidade. Vende-se tudo por preços commodos, a dinheiro á vista, ou a prazo, mediante garantia.

ATTENÇÃO

O Conego Antonio Lopes de Figueiredo leccionista, legalmente habilitado, vae abrir o curso de latim e latinidade, na sua casa do campo dos Remedios, no dia 4 do corrente mez de Novembro.

Faz-se publico, que no dia 18 do proximo mez de dezembro, pelas 10 horas da manhã, hade ter logar na secretaria do commando da 4.ª divisão militar, perante o conselho administrativo da mesma divisão, a arrematação para as obras de reparação precisas nos armazens e paioes da praça de Caminha e fortaleza da insua a cargo da 2.ª secção do material de artilheria, com as condições, que estarão patentes no acto da arrematação.

Quartel general em Braga 28 de novembro de 1866.

O PRESIDENTE DO CONSELHO
(37) *José Guedes de Castro e Carvalho.*

ESBOÇO CRITICO LITTERARIO,

POR

Alvaro Rodrigues d'Azevedo

É um estudo sobre o Bosquejo Historico da Litteratura Classica Grega, Latina e Portugueza, do *sr. Antonio Cardozo B. de Figueiredo.*

Preço 400 reis.

Tomam-se quaesquer encomendas de exemplares d'esta obra, na redacção d'este jornal. (38)

Instituto Bracarense

Tabella das disciplinas que os alumnos externos podem frequentar, e preço mensal pelo ensino de cada uma d'ellas.

Instrucção primaria e principios de Francez	1$000
Portuguez 1.º anno	1$000
Portuguez 2.º e 3.º anno Francez. Elementos de	$800
Francez 1.º curso	1$500
D.º 2.º d.º	1$500
Inglez	2$000
Latim	1$50
Latinidade	2$000
Arithmetica practica, systema metrico decimal	1$000
Arithmetica, Geometria plana.	1$500
Desenho 1.º anno	1$500
D.º 2.º e 3.º anno	2$000
Calligraphia.	$500
Escripturação mercantil, commercio	2$000

Curso especial de francez, pronunciação, leitura, traducção, litteratura, declamação; habilitando os alumnos para poder fallar correctamente a lingua Franceza, ás 6 horas da tarde 1$500

(21)

ATTENÇÃO

Tendo desapparecido da casa de um ecclesiastico d'esta cidade um volume da vida dos Santos de Butler, e suppondo-se, que foi roubado e vendido, pede-se á pessoa, que o comprasse, o favor de o entregar no Escriptorio da Redacção d'este jornal, onde se lhe dará o dinheiro, porque o comprou, e tambem agradecimentos pelo serviço, que faz ao interessado, que tem a obra truncada.

NOVIDADES

Vende-se na livraria de Manoel Rousado

POR

DE LISBOA

Preço com retrato e papel superior 1$000
" sem " inferior $700

FÉ CATHOLICA

JORNAL RELIGIOSO

Este jornal, que conta cinco annos de existencia, publica-se em Lisboa nos dias 15 e 30 de cada mez, sob a protecção de uma commissão composta de differentes cavalheiros presidida pelo ex.mo e rev.mo monsenhor José Maria da Cunha Grã e Athaide.

Publicou-se o n.º 104 correspondente a 15 de corrente, contendo os seguintes artigos: — Commemoração — Vocabulario Democratico ou a hypocrisia revolucionaria — A leitura como elemento de educação — Revista religiosa

Assigna-se no escriptorio do mesmo jornal, largo da rua dos Canos n.º 26 — 1.º andar — Preços das assignaturas: por anno 1$200 rs. semestre 600 rs Provincia (franco) anno 1$300 rs. semestre 660 rs

Os snrs. da provincia, podem dirigir-se ao local acima indicado ao administrador do jornal a — Fé Catholica.

PILULAS E UNGUENTO

DE

HOLLOWAY

Estes medicamentos obtem uma acceitação e uma venda mais universal do que qualquer outro remedio no mundo.

AS PILULAS são o melhor purificano conhecido para o sangue, corrige todas as desordens do figado e do estomago, e são egualmente efficazes nos casos de dysentria: finalmente, como remedio de familia não tem rival

O UNGUENTO cura prompta e radicalmente as ferdas antigas, chagas, ulceras ainda que tenham 20 annos de existencia) em um especifico infallivel contra as enfermidades cutaneas por mais malignas que sejam taes como lepra, escorbuto, sarna, e todas as affecções de pelle. Cada caixa de pilulas, e pote de unguento são acompanhados de amplas instrucções para o uso do respectivo medicamento, podendo-se obter estas instrucções em todas as linguas conhecidas

AS PREPARAÇÕES DE HOLLOWAY vendem-se em todos os paizes do mundo sem excepturar Siam, China, India, as ilhas do Archipelago Oriental, Syria, Arabia, Grecia e Turquia) e no nosso encontram-se em todas as principaes boticas.

As pilulas e unguento de Holloway achamse á venda em Lisboa em casa da viuva Barreto, rua do Loreto n.º 28, e dos snrs. Barral e irmão, rua Aurea n.º 126. — E no Porto em casa do sr. Miguel J. de Souza Ferreira, rua da Banharia n.º 77 a 79 e na do snr. Thomaz Bodwem, rua de S. Francisco n.º 4, 19

DOENÇAS DOS OLHOS

Pomada da Viuva Farnier.

Esta pomada é a unica que se acha auctorisada em França, por decreto imperial, e em Portugal pelo conselho de saude publica do reino, para o tratamento das molestias dos olhos e das palpebras.

Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim á Porta Nova, n.º 3.

Pasta peitoral de Regnauld.

Esta pasta é muito util contra a tosse, gripe, rouquidão, asthma, coqueluche, catarrho e irritação do peito

Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim á Porta Nova n.º 3

Rob Laffecteur.

Approvado em França, na Russia, na Austria e na Belgica.

O arrobe vegetal de Laffecteur, cura radicalmente sem mercurio as affecções da pelle, impigens, alporcas, tumores, ulceras, sarna degenerada escrofulas e escrubuto. O arrobe é especialmente recommendado contra as doenças syphiliticas recentes, inveteradas ou rebeldes ao mercurio e ao iodureto de potassio

Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim á Porta Nova n.º 3.

Capsulas com balsamo de copaiba, de Requim.

Estas capsulas são recommendadas pelos medicos de todas as nações, pela sua acção proveitosa e certa, no tratamento da gonorrhea, antiga, ou recente.

Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim á Porta Nova n.º 3.

Oleo de Figado de Bacalhão de Hogg.

Este oleo é efficaz contra as molestias de peito, as affecções cutaneas, escrubuticas, e escrofulosas É egualmente, proveitoso por sua virtude fortificante, ás crianças raquiticas, ou de constituição delicada, e ás pessoas nervosas

Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim á Porta Nova n.º 3. (39)

ANNOTAÇÕES

Ao bosquejo historico da litteratura classica, grega, latina e portugueza, do sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, por Alvaro Rodrigues de Azevedo, professor de Oratoria e Litteratura classica no lyceu Nacional do Funchal.

Estas *Annotações* são divididas em duas partes, cada uma das quaes será impressa, e distribuida em tomo separado.

Preço de cada parte — 300 reis.

Os srs. assignantes da Ilha da Madeira, Lisboa, Porto, e Coimbra pagarão o importe de suas assignaturas no acto da recepção de cada uma das partes.

Descripção da estatua Equestre de D. Pedro IV, inaugurada na praça de D. Pedro da cidade do Porto.

Escripto enriquecido com uma estampa lithographada que representa aquelle magnifico monumento, e com a collecção de todos os documentos que elucidam e põe em dia com tudo quanto diz respeito a este importante assumpto: 2.ª edição, accrescentada com os discursos que por esta occasião se pronunciaram, e as respostas de Sua Magestade. Preço 120 rs.; pelo correio, franco de porte, 150.

Repertorio — *Rei dos Repertorios* — para o anno de 1867 — 2 reis; pelo correio 40 rs Vende-se no Porto, na livraria de Jacintho A. P. da Silva, rua do Almada n.º 134.

A AGOA

Compilação dos principaes elementos de geologia para o descobrimento dos mananciaes aquaticos.

Obra util e interessante para a agricultura

Vende se em Braga em casa de José Maria Dias da Costa, rua nova n.º 3, na livraria de Germano Joaquim Barreto, rua do Souto n.º 21, e na de Eduardo Coelho, largo do Barão da S. Martinho.

JOÃO ARCHER

COM ESCRIPTORIO DE AGENCIA COMMERCIAL

Na rua dos Inglezes n.º 36=Porto

Tracta da compra e venda do seguinte:
Vinho, geropiga e agua-ardente, tanto em casco como em garrafa.
Lettras de cambio e da terra.
Acções dos differentes Bancos e Companhias
Inscripções de assentamento e de coupons.
E de qualquer outra transacção commercial que queiram incumbil-o.

LIVRARIA DE EDUARDO COELHO

LARGO DO BARÃO DE S. MARTINHO.

Acabam de ser recebidas n'esta livraria, alem de muitos objectos de escriptorio, quinquilharias, vinhos finos, aguas ardentes, e genebras, as obras seguintes, entre outras muitas:

Les romans de la Table-ronde, avec les contes enciens bretons, por le Vicente Hersart de la Villemarqué, 8.º gr. (com textos originaes alem da versão franceza).

Tableau de la littérature du Nord (celtes, goths, normans, anglo-saxons, serbes, suisses, etc.)., por Eichhoff, 8.º gr., (com textos originaes alem da versão franceza).

Historie de la langue et de la littérature des slaves, russes, bohèmes, polonais et lettons, 8.º gr., (com textos originaes alem da versão franceza).

Études sur la littérature grecque moderne, et imitations en grec, de notres romans de chevalerie depuis le XII siècle öuvrage couronné; par Gidel, 8.º gr. (com notas philologicas).

Recueil des instructions officielles, rendues pour l'exécution du plan d'études et des programmes d'enseignement das lycées empériuax de France, 16.º gr.

Dissertation sur les chnntes héroïques des kasques, par Blaudé, 8.º gr. (com textos originares alem da versão franceza.

Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne à l'aide de la langhe basque, par Marraste, 8.º gr. (com notas philologicas). É traducção de Humboldt.

Grimen, De l'origine du langage, traduction de Wegmann, 8.º gr.

Lehéricher, Histoire et glossaire du normand, de l'anglais e du français, arec les e'tymologies, 3 vol. 8.º gr.

Benloew, De quelques caracteres du langage primitif, 8.º gr.

Principes de la chimie unitaire (nuvelle théorie des atomicités et des types), par Havrez, 1966, 8.º gr., (com tabellas synopticas).

Cours de littérature comparé, romantisme et classicisme, par Delatouche, 8.º gr.

Histoire de la littérature indienne, prfessée à Berlin par Weber et traduit par Sadous, 8.º gr.

Poesies de de l'époque des Thang, traduites du chinois par le marquis d'Hervey-Saint-Denys, 8.º gr., (com um Estudo extenso ácerca da arte poetica e metrica dos chinas).

Histoire de la littérature allemande, avec un parallèle entre la France et l'Allemagne, par Pesquier, 2 vol. 8.º gr.

Histoire de la littérature hespagnole, par Baret, 8.º gr. (desde a antiguidade até gora). (28)

ESTUDOS

SOBRE

ESCRIPTURAÇÃO MERCANTIL

J. M. d'Almeida Onteiro.

Sob este titulo se publicará brevemente uma obra de muita utilidade para o commercio.

Tractando da escripturação por partidas dobredas, compôr-se-ha de duas partes, uma theorica e outra pratica, assim divididas:

PRIMEIRA PARTE. — *Noções de contabilidade* — *Descripção dos livros* — *Theoria das contas; regros para o conhecimento do devedor e do credor* — *Balanço geral* — *conta de liquidação* — *Contas de participação.*

SEGUNDA PARTE *Applicação dos principios de escripturação* — *Operações tanto de commercio simples, como de sociedade, em tres livros* = *Memorial, Diario e Razão* = *com balanços e inventarios.*

Termina com modêlos de livros auxiliares e um formolario de documentos de escriptorio.

O auctor, dando á sua obra o titulo de ESTUDOS SOBRE ESCRIPTURAÇÃO MERCANTIL, não teve a pretenção de apresentar um trabalho que sobre-elevasse a quantos se tem publicado; quiz unicamente compen-diar o que se estudára sobre esta importante materia, servindo-se principalmente das obras de *Degranges, Deplanque* e outros. Terá conseguido apresentar um resumo d'estes e outros notaveis auctores de modo a satisfazer os que o lêrem? O auctor não póde antever a apreciação do seu trabalho; mas esforçou-se por que os *Estudos Sobre a Escripturação Mercantil* podessem satisfazer o leitor.

Se esta primeira tentativa fôr bem succedida, publicará outro livro que será como que a continuação d'este.

A obra formará um volume em oitavo francez de mais de 300 paginas.

Preços para os assignantes. . 800 *reis.*

Assigna-se na livraria de Eduardo Coelho em Braga, e nos Arcos em casa do snr. Diogo José Cerqueira Dantas. (21)

PROPRIETARIO — **Augusto Valladares**

ADMINISTRADOR — **Francisco José Lopes**

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS E DOMINGOS

Assigna-se, em Braga, na escriptorio da redacção, rua Nova n.º 24. Este jornal não póde assignar-se por menos de seis mezes. As assignaturas devem ser pagas por trimestre adiantado. Preço por semestre 2$000: pelo correio (franco) 2$240: por anno 3$500; pelo correio franco) 3$980. Annuncios 20 reis por linha. Communicados e correspondencias de interesse particular 40 rs. por linha. Folha avulso 50 rs. Os snrs. assignantes terão o abatimento de 25 % no preço de todos os seus annuncios. Terão alem d'isso, por mez, um annuncio repetido, gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirijida ao director do jornal, estampilhada. Escriptos que não tenham estampilha de franquia não serão recebidos. Publicações de interesse particular são pagas. Os escriptos enviado á redacção sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Typographia dos Orphãos Praça Municipal, debaixo da Arcada n.º 24 B.